

AS INTERROGATIVAS-Q NA GRAMÁTICA INFANTIL DO PB

NILMARA SOARES SIKANSI
(UNICAMP)

ABSTRACT: The aim of this text is to describe the wh-questions observed in the corpus of a child – Gabriela – in the process of acquiring Brazilian Portuguese during the period of 2;04 to 3;10. As many grammatical changes –e.g. the loss of Verb-Subject Inversion and the occurrence of the wh-element “in situ” – were observed in this specific structure during the last years, I will look at the speech of the child and also her input.

0. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende ser um levantamento dos tipos de construções interrogativas-Q observadas no corpus de uma criança (Gabriela) adquirindo o Português do Brasil (doravante PB) – período 2;04 a 3;10. O objetivo do trabalho é caracterizar o “input” da criança e verificar como ela está construindo as interrogativas com elemento-Q. Como o PB tem passado, nos últimos anos, por uma série de mudanças gramaticais que envolvem esse tipo de estrutura – perda da inversão Verbo-Sujeito, ocorrência do elemento-Q “in situ”, por exemplo –, é necessário ter-se uma noção precisa de como esse tipo de estrutura ocorre na fala da comunidade – “input” da criança. Por isso, é que, na próxima seção, pretendo apresentar um quadro geral das análises que esse tipo de estrutura recebeu por parte de vários pesquisadores nos últimos anos. Em seguida, farei uma análise dos tipos de interrogativas-Q encontrados no corpus com o intuito de verificar como esses dados respondem às questões levantadas pelas diversas análises teóricas propostas para essas estruturas e se, também, levantam novos questionamentos que devem ser abordados pelos mesmos. A última seção apresenta as conclusões gerais obtidas a partir desse levantamento.

1. QUADRO TEÓRICO DAS INTERROGATIVAS-Q

O PB apresenta uma grande variedade de ordenação dos constituintes nas interrogativas-Q, conforme mostra os exemplos abaixo:

- (1) Onde **os meninos** foram?
- (2) Onde foram **os meninos**?
- (3) Onde **é que** os meninos foram?
- (4) Onde **que** os meninos foram?
- (5) Os meninos foram **onde**?

Os exemplos (1) e (2) mostram a variação possível de ordem entre o sujeito e o verbo. Já as sentenças (3) e (4) ilustram a possibilidade de se inserir uma partícula expletiva é que ou que nesse tipo de construção. Por último, (5) demonstra que o elemento-Q pode permanecer “in situ” na sentença¹. Dada essa diversidade de ordenação de constituintes apontada acima, esse tipo de construção foi alvo de uma série de estudos que tinham por objetivo tentar explicar alguns dos fatores que podem estar atuando nessas construções. A seguir, apresentarei alguns desses trabalhos, dividindo a apresentação em três temas principais: (i) a ordem Sujeito-Verbo, (ii) uso do expletivo é que/que e (iii) posição do elemento-Q.

1.1. A ordem Sujeito-Verbo nas Interrogativas-Q

A questão da ordem Sujeito-Verbo (S-V) das interrogativas-Q no PB despertou a curiosidade de vários pesquisadores, pois mostra claramente que ocorreu uma mudança sintática na gramática dessa língua na passagem do século XIX para o XX. Até o século passado, os textos escritos atestam a obrigatoriedade da inversão Verbo-Sujeito (V-S) nessas construções, mas, atualmente, tal fato não é mais observado, conforme os textos abaixo apontam.

Duarte (1992) procura identificar os fatores que mais fortemente teriam condicionado a mudança da ordem V-S para S-V nas construções interrogativas-Q, sob a hipótese de que ela coincide com o aparecimento do expletivo é que, para depois estender-se pelas estruturas em que tal inserção não ocorre². Dessa forma, a autora analisa os poucos casos de inversão observados como exceções que dependem de outros fatores, tais como o tipo de elemento Q- e o número de argumentos verbais foneticamente realizados.

Duarte observa que, até 1830, todas as interrogativas diretas exibem a ordem V-S e que é só a partir de 1882 que é possível perceber um aumento sensível no uso da ordem S-V, bem como o aparecimento do expletivo é que. Já em 1937, a ordem S-V implementa-se definitivamente no sistema e a presença do expletivo é determinante para que tal ocorra. A partir daí, a ordem S-V não pára de crescer, mas o expletivo deixa de ser o seu único condicionador. Uma outra observação importante é que, desde

¹ Estou considerando aqui apenas as sentenças interrogativas com o elemento-Q “in situ” que não têm a interpretação de pergunta-eco.

² Nessa seção não considerarei as análises propostas para as estruturas interrogativas-Q que apresentam o expletivo é que/que, pois esse será o tema da próxima seção. Apesar de Duarte (1992) propor que o uso desse expletivo foi determinante para a implantação da ordem S-V no sistema, como será mostrado a seguir, tal fator, atualmente, parece não mais influenciar a ordenação do sujeito e do verbo nas interrogativas-Q.

que começa a ser usada, a ordem S-V privilegia as estruturas com sujeito pronominal. Portanto, a conclusão de Duarte é que a inversão V-S, no PB, está restrita (embora não obrigatoriamente) às interrogativas que se constróem com os verbos ser, estar e com os chamados verbos apresentativos, que, nas declarativas, normalmente apresentam o sintagma nominal (SN) posposto, o que deixa dúvidas quanto ao fato de se tratar realmente de inversão.

Kato (1993) procura explicar todas as possibilidades de ordenação entre sujeito e verbo nas interrogativas-Q do PB. No que concerne as estruturas sem o expletivo é que/que, a autora propõe que as sentenças com inversão V-S podem ser explicadas se postularmos que a extração se faz a partir de estruturas que apresentam um deslocamento à direita com pronome co-referente nulo na posição de sujeito pré-verbal. Ou seja, o que ocorre, na verdade, é uma **falsa inversão**. Kato defende que as sentenças em (6) abaixo seriam a base da extração. O sujeito se encontraria em posição final e o pro (sujeito nulo pré-verbal) é que receberia o caso por concordância.

- (6) a. (Eles) Estão aqui os meninos.
b. (Ele) Vem aí o Pedro.
c. (Ela) Faturou vinte mil cruzeiros a nossa barraca.

Como os sujeitos nulos parecem estar desaparecendo do PB (Duarte 1993 e 1995), segundo a autora, acabará por se revelar a falsa inversão que ocorre nessas sentenças (ex. 7).

- (7) a. Onde eles estão os meninos?
b. Quanto ela faturou a sua barraca?

Para as sentenças interrogativas com ordem S-V, Kato analisa essas estruturas como sendo uma conseqüência da extração das sentenças clivadas (ver a explicação na seção seguinte), porém, nesse caso, houve o apagamento do expletivo é que.

- (8) a. (Foi) O Pedro (que) saiu.
b. (Foi) Quem (que) saiu.

Essa análise proposta por Kato (1993) foi comprovada por um estudo desenvolvido em Sikansi (1994). Esse trabalho teve como objetivo mostrar como estão sendo construídas as sentenças interrogativas-Q no PB, principalmente no que se refere ao posicionamento do sujeito e do verbo. Foi feito, portanto, um amplo estudo estatístico dessas sentenças para se tentar verificar quais os fatores lingüísticos ou não que estão influenciando a ordenação dos constituintes nesse tipo de interrogativa. O corpus utilizado foi obtido a partir de diversos contextos de uso – entrevista na televisão, sala de aula de adultos e crianças, redações do vestibular, peças teatrais, romances, entre outros.

De uma forma geral, a construção **sem** a inversão Verbo-Sujeito é a preferida em todos os contextos analisados. Os resultados estatísticos apontaram o **tipo de verbo** e o

tipo de sujeito como as variáveis que mais diretamente afetam a estruturação dessas sentenças. Sendo que a classe dos verbos transitivos é altamente inibidora da inversão V-S, ocorrendo o sujeito, quase sempre, antes. Por outro lado, os verbos copulares, ergativos e intransitivos tendem a aparecer antes do sujeito. Em se tratando do sujeito, foi observado que os pronominais produtivamente ocorrem antes do verbo, sendo mais acentuado ainda o comportamento dos pronomes de tratamento que apareceram, todos, em posição pré-verbal. Ao contrário desses, os sujeitos lexicais favorecem a inversão, pois tendem a aparecer depois do verbo.

Sikansi (1994) apresentou algumas evidências que corroboram fortemente a explicação proposta por Kato (op. cit.). Ao analisar os contextos de inversão V-S onde o verbo não é uma cópula, a autora observou que, nesses casos, o sujeito pós-verbal é, na grande maioria das vezes, uma expressão-referencial definida. Além disso, esta ocorre em posição final de sentença – ver principalmente o ex. 9 onde um sintagma adverbial aparece entre o verbo e o sujeito.

- (9) “que conseqüências pode ter nessa área econômica **esse conflito**?” (RODA VIVA, 21/01/91, TV Cultura)
- (10) “o que não vai falar **o povo**?” (DE REPENTE, ÀS TRÊS DA TARDE, pág. 23,9)

Um outro dado interessante e que pode ser usado para corroborar a análise de Kato é que o maior índice de inversão V-S foi observado nos dados coletados de língua falada. Esse resultado, a princípio inesperado, pode ser perfeitamente compreendido se considerarmos que, nas estruturas V-S, não ocorre a inversão verbo-sujeito, mas sim um deslocamento à direita com pronome co-referente nulo em posição pré-verbal – a chamada **falsa inversão**. Isso porque as estruturas com deslocamento à direita são bem mais comuns na fala do que escrita, onde o usuário pode voltar no texto e refazer as sentenças se achar que está havendo ambigüidade. Esse recurso não é possível na fala, o que ocasiona um uso maior de sintagmas nominais no final da oração com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas. O fato desse sintagma ter um caráter definido só reforça a hipótese da falsa inversão.

A conclusão da autora é que a chamada inversão Verbo-Sujeito, nas interrogativas-Q, é um fenômeno extremamente restrito no PB, aplicando-se basicamente quando o verbo é uma cópula. Nos demais casos, o que se observa é uma **falsa inversão**.

Se considerarmos o que os textos acima defendem, temos que as crianças em processo de aquisição da linguagem se deparam com um quadro basicamente estável no que se refere ao posicionamento do sujeito e do verbo nas interrogativas-Q, pois parece que a mudança de V-S para S-V já se implementou definitivamente no sistema, sendo muito bem definidos os contextos em que cada ordem é observada.

1.2. Interrogativas com o expletivo é que/que

Como foi mencionado anteriormente, o expletivo é que começou a ser observado nas interrogativas-Q no final do século passado (1882) e o seu aparecimento, segundo Duarte (1992), foi fundamental para que ocorresse a mudança da ordem V-S para S-V. Essa autora não propõe uma representação sintática para essas estruturas, apenas analisa a expressão é que como um expletivo, cuja introdução no sistema desencadeou a mudança de ordem nas interrogativas-Q. No entanto, segundo ela, atualmente o seu uso não mais condiciona a ordem S-V. Além disso, Duarte comenta que só nos dois últimos períodos por ela analisados é que o expletivo aparece na forma que, porém seu uso é bem restrito, acompanhando, em geral, os elementos interrogativos o que, para que e por que.

Já Lopes Rossi (1993, 1996), fazendo uma análise diacrônica das interrogativas-Q do PB, defende que as construções com é que são derivadas das sentenças clivadas do tipo “it cleft sentence”, tendo, portanto, uma sentença matriz e uma encaixada, e não apenas uma sentença como é considerado na análise anterior. Os pares abaixo mostram sentenças clivadas com vários tipos de elementos focalizados e sentenças interrogativas com é que incidindo sobre esses elementos focalizados.

- (11) a. Foi **você** que leu o livro.
b. **Quem** foi que leu o livro?
- (12) a. É **na escola** que você vai.
b. **Onde** é que você vai?

No entanto, diferentemente de Duarte (1992), Lopes Rossi defende que não foi a introdução da expressão é que, no sistema, que ocasionou a mudança de ordem apontada na seção anterior, pois, no português europeu (PE), tal partícula também é amplamente observada (quase 70% dos casos por ela analisados) nas interrogativas-Q mas a inversão Verbo-Sujeito continua a ser obrigatória quando essa partícula não está presente. Isto é, nas interrogativas sem o é que, o PE se comporta como o PB do começo do século passado, onde só a ordem V-S era observada.

Além disso, a autora postula que as sentenças com o que (ex. 13 abaixo), também seriam derivadas das clivadas, só que com o apagamento da cópula.

- (13) Onde **que** você vai?

Tal fato – apagamento de cópula – não é um fenômeno raro no PB, ocorrendo com uma certa frequência em outros tipos de interrogativas (sem estrutura de clivagem), principalmente com o pronome interrogativo qual.

- (14) Qual (é) a sua profissão?

Kato (1993) adota a análise de Lopes Rossi acima e a estende para explicar a ordem S-V nas sentenças sem é que. Para a autora, nessas estruturas, além do apagamento da cópula, ocorre também o apagamento do complementizador que (conforme exemplo 08 na seção anterior).

Mioto & Figueiredo Silva (1995) levantam a questão se é realmente válido considerar como equivalentes as interrogativas com é que e com que. Os autores apontam uma série de problemas – fonológicos, semânticos e sintáticos – tanto para a análise da equivalência quanto para a da não equivalência. No entanto, eles não se posicionam frente ao debate.

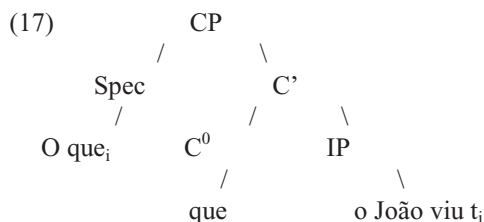
Já em Mioto (1996), o autor defende que não existe uma equivalência entre as estruturas interrogativas com é que e com que (Q- é que é diferente de Q- que). Para ele, a presença da cópula deve produzir estruturas sintáticas diferentes daquelas em que ela está ausente. Os argumentos do autor são os mais diversos: (i) do ponto de vista fonológico, a cópula é um monossílabo tônico resistente a processos de apagamento, (ii) no PE, a cópula não pode ser apagada nessas estruturas (se isso ocorrer a sentença será agramatical) e (iii) existe uma diferença de ênfase, pois a sentença com a cópula é enfática (clivada) enquanto que a sem cópula é considerada uma pergunta ordinária. Além disso, o autor aponta para a possibilidade de cocorrência do é que e do que numa mesma sentença, porém a ordem é fixa. Se é que fosse igual ao que eles poderiam ocorrer livremente na sentença, porém isso não é possível (ver os exemplos 15 abaixo).

- (15) a. *? O que é que é que você está querendo?
b. O que que é que você está querendo?
c. *O que que que você está querendo?

Outro ponto observado pelo autor é o comportamento das expressões em foco frente a interferência de elementos, tais como advérbios. A hipótese da equivalência faz a predição de que não há reação à interferência, porém Mioto apresenta dados que dão suporte para a hipótese da não equivalência.

- (16) a. *O que afinal que você quer?
b. O que é afinal que você quer?

A análise que Mioto assume para as sentenças com é que é basicamente a mesma que Lopes Rossi, isto é, essas interrogativas são derivadas das sentenças clivadas. Já as estruturas com o que são analisadas por ele (Mioto 1994, 1996) como tendo o elemento-Q aparecendo em SpecCP e o que no núcleo C⁰, como a representação abaixo mostra:



Segundo essa análise, o PB não respeita o filtro do **Comp duplamente preenchido** proposto por Chomsky (1981) e a presença do que em C⁰ dota esse núcleo da especificação [+ Wh] necessária para atender o Critério-Wh proposto por Rizzi (1990)³.

Como pode ser percebido pelos textos apresentados acima, parece haver um consenso quanto à análise das interrogativas com é que. Excetuando-se Duarte (1992), todos os demais pesquisadores consideram que essas interrogativas são derivadas das sentenças clivadas⁴ e essa análise parece estar bem justificada. Já no que diz respeito às interrogativas com que, a questão parece estar em aberto. A maioria dos textos opta pela equivalência entre essa estrutura e a que tem o é que, porém Mioto levanta alguns problemas interessantes para essa análise, inclusive aponta para uma diferença semântica, ainda que sutil, entre elas. Talvez ambas as abordagens precisem de mais dados para embasar a sua explicação e pode ser que os dados de aquisição tragam novas evidências para esse debate.

1.3. A posição do elemento-Q

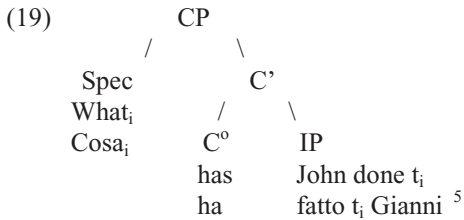
A maioria das análises apresentadas até aqui adotam o Critério-Wh (Rizzi, 1990), apresentado abaixo, para explicar o posicionamento do elemento-Q nas interrogativas.

- (18) Critério-Wh:
- (a) A Wh-Operator must be in a Spec-head configuration with an X⁰ [+Wh];
 - (b) An X⁰ [+Wh] must be in a Spec-Head configuration with a Wh-Operator.

Esse critério é proposto por Rizzi para explicar a adjacência, observada em línguas como o inglês e o italiano, entre a expressão-Q e o verbo finito, pois o elemento-Q, por ser um operador [+ Wh] se encontraria em SpecCP e o verbo flexionado e marcado com o traço [+ Wh] deve subir para a posição de núcleo de CP, conforme a representação abaixo mostra:

³ Em línguas como o inglês e o PE, a especificação [+Wh] do núcleo C⁰ é dada pela subida do verbo (flexão +WH) para essa posição. No PB, a flexão é [- Wh], por isso o verbo não pode subir para essa posição.

⁴ Lopes Rossi (1996) faz um amplo estudo dos diversos tipos de clivadas que existem no PB e traça um paralelo entre essas estruturas e as interrogativas-Q.



Rizzi defende que esse critério se aplica universalmente e que as línguas apenas diferem quanto ao momento que essa regra se concretiza. Isto é, nas línguas que não apresentam movimento-Q, tais como o japonês e o chinês, essa condição se aplicaria em Forma Lógica (LF). As línguas que não apresentam movimento de V nas interrogativas-Q, segundo essa proposta, teriam desenvolvido uma maneira adicional de atribuir a característica [+ Wh] a C^o por meio de um tipo de concordância especificador-núcleo que o autor denominou concordância dinâmica. É importante observar que essa noção de concordância dinâmica atendeu aos seus objetivos na época porque, por questões de escopo do operador-Wh, assumia-se como um princípio de boa formação geral que o movimento-Wh ocorria universalmente em LF.

Aplicando-se essa análise ao PB, temos que, nas interrogativas em que o elemento-Q aparece no início da sentença (ex. 20), o elemento-Q se encontra em SpecCP e atribuiria, através da concordância dinâmica, o traço [+ Wh] a C^o sem que, portanto, o verbo precise subir, em sintaxe visível, para essa posição ⁶. Conforme foi mencionado anteriormente, Mioto (1994) defende que o que (no exemplo 21) é marcado [+ Wh] e ocupa essa posição para satisfazer, em sintaxe, o Critério-Wh. Segundo ele, o PB possui duas estratégias de satisfação dessa condição: (i) concordância dinâmica e (ii) inserção do que [+ Wh] em C^o. Nas interrogativas com o elemento-Q “in situ” (ex. 22), a aplicação do Critério-Wh é postergada até LF quando, então, ocorre a subida tanto do elemento-Q quanto do verbo.

(20) Onde o João foi?

(21) Onde **que** o João foi?

(22) João foi onde?

Uma análise diferente é defendida por Lopes Rossi (1996). A autora postula que o PB distanciou-se do PE e um dos pontos divergentes entre as duas gramáticas é que essas duas línguas caracterizam-se por uma marcação diferente para o parâmetro do Movimento-Wh. Isso se deve basicamente ao fato de que, a partir do séc. XIX, a

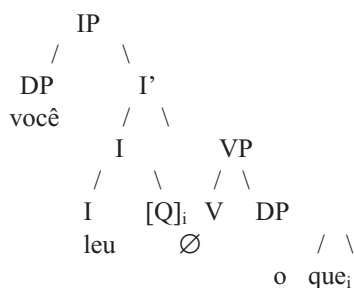
⁵ Não considerarei aqui a questão da posição ocupada pelo sujeito nessas sentenças - ver a análise proposta por Rizzi (1990). O ponto importante é que, tanto em inglês como em italiano, é obrigatória a adjacência entre o elemento-Q e o verbo nas interrogativas matriz.

⁶ Essa explicação também é válida para as estruturas V-S, pois, conforme defendido nesse artigo, o que ocorre nessas sentenças é uma falsa inversão - um pro aparece em posição pré-verbal. Ou seja, nem nessas sentenças o verbo sobe para C^o.

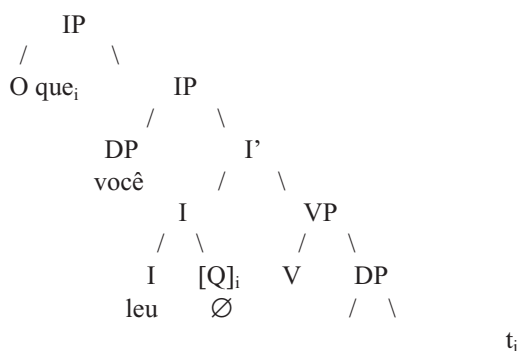
gramática do PB passou a permitir duas estruturas sintáticas – “Q S V” e “Q- *in situ*” – que são incompatíveis com a gramática de uma língua marcada [+ movimento-Wh] como é o caso do PE. Segundo Lopes Rossi, o PB é hoje uma língua marcada [-movimento-Wh] porque perdeu a propriedade de movimento conjunto do sintagma interrogativo e do verbo. Isto quer dizer que o PB não apresenta um operador-Wh ligado a uma variável, mas sim um sintagma quantificador que funciona como um item de polaridade ligado a um morfema interrogativo, como ocorre nas línguas orientais de *wh-in situ*. Para a autora, essa mudança paramétrica está relacionada a uma causa mais profunda - a perda de traços distintivos de pessoa na flexão verbal.

Lopes Rossi propõe as seguintes representações sintáticas para as estruturas com o elemento Q- *in situ* e com Q- deslocado a esquerda:

(23) Q- *in situ*



(24) Q- deslocado a esquerda



Lopes Rossi defende que “a perda da concordância verbal passou a impedir o alçamento de [V+I] para C⁰ e o morfema Q, que é gerado em I, passou a permanecer nessa categoria. Parece coerente dizer que o morfema Q só se caracteriza como “forte” se gerado em um IP cujas propriedades de concordância sejam fortes, de forma que ambos – [V+I] e Q – sejam forçados a subir para C⁰” (Lopes Rossi, pág. 106). Além disso, a autora postula que “o fato de a interpretação de uma interrogativa com Wh- *in*

situ se dar por ligação de sintagma interrogativo e um morfema-Q em I, portanto por uma estratégia independente da configuração de especificador-núcleo entre Wh e V e independente da ligação de operador-Wh com uma variável descaracteriza o sintagma-Wh como “operador”. Essa situação permite que esse sintagma apareça em outra posição (de adjunção) além de sua posição *in situ*. Isso equivale a dizer que a gramática de uma língua com Wh- *in situ* como o PB, permite uma variação na posição do sintagma-Wh, como por exemplo, no início da sentença num caso como “Q S V”, em sua posição argumental com “S V Q”, ou em outra posição intermediária” (op. cit., pág. 106-107).

Lopes Rossi postula que existe uma diferença de interpretação nas interrogativas com elemento-Q “*in situ*” e deslocado. Para ela, as sentenças como (23) abaixo só permitem uma leitura “neutra”, sem ênfase. O efeito que essa sentença carrega é como se o elemento-Q não tivesse escopo sobre a pressuposição de que “existe alguém, tal que esse alguém a senhora vai visitar”.

(25) A senhora vai visitar quem? (Lopes Rossi, pág. 98)

(26) Quem a senhora vai visitar?

No caso do elemento-Q ser posicionado no início da sentença (ex. 26), duas interpretações parecem possíveis. Uma seria essa de “escopo restrito”, com entonação não-marcada; outra interpretação seria a enfática, sendo que esse efeito de ênfase também pode ser conseguido com as interrogativas com é que.

No final do capítulo que estuda as interrogativas “Q S V” e “Q-*in situ*”, a autora conclui dizendo que a posição em que o elemento-Q ocorre é variável, podendo tanto aparecer no início da sentença quanto na sua posição argumental. Essa alternância de posicionamento do elemento-Q, no PB, se deve, segundo ela, a uma mudança na marcação do parâmetro de Movimento-Wh que aconteceu na gramática dessa língua. Ora, essa afirmação tem uma conseqüência séria para o estudo da aquisição dessas estruturas, pois, segundo Roberts (1993), a mudança paramétrica ocorre quando várias reanálises diacrônicas reduzem significativamente a frequência de certas construções e isso altera a experiência detonadora (trigger) para a criança. Ou seja, é a criança que implementa a mudança ao fixar de forma diferente um determinado valor paramétrico. Dessa forma, a produção linguística da criança deve fornecer indícios dessa mudança. No caso, um uso, talvez equivalente ao do adulto, tanto de estruturas com o elemento-Q “*in situ*” quanto deslocado. A questão que a análise dos dados de aquisição deve responder é a seguinte: Existem indícios suficientes para se postular que houve uma mudança paramétrica no que concerne ao posicionamento do elemento-Q do PB?

2. OS DADOS DE AQUISIÇÃO

Antes de apresentar o levantamento dos tipos de estruturas interrogativas-Q observados no corpus, eu gostaria de explicar porque eu acho tão importante ter uma análise qualitativa e quantitativa dessa construção, no que tange à fala do adulto. Isto é,

eu acho fundamental ter um quadro bem claro das estruturas com elemento-Q realmente observadas na fala da comunidade na qual a criança, em processo de aquisição da linguagem, está inserida. Ou seja, é preciso saber quais são os contextos que admitem variação de estruturas na fala do adulto para se poder observar como a criança lida com essa situação e buscar, nos dados de aquisição, evidências que apontem para a melhor análise a ser adotada.

Hulk (1996) ilustra bem a necessidade de se ter uma visão clara do que o adulto realmente está produzindo para se poder analisar adequadamente os dados produzidos pela criança. Alguns estudos (Crisma, 1992, por exemplo) apontaram para o fato de que, no início, a criança adquirindo o francês produz interrogativas que envolvem somente o fronteamto do elemento-Q (ex. 27). As interrogativas em que o verbo também sobe (ex. 28) só aparecem bem mais tarde na fala da criança.

(27) OÙ elle est mamie?
Onde ela está mamie?

(28) OÙ est-elle mamie?

Esse fato fez com que se analisasse a não ocorrência do fronteamto do verbo como decorrente da demora na aquisição da categoria funcional CP por parte da criança. No entanto, Hulk defende que existem outras razões por trás dessa demora e uma delas seria que esse tipo de estrutura interrogativa – com fronteamto do elemento-Q e do verbo – é extremamente rara na fala do adulto (francês coloquial), ocorrendo, quase sempre, como uma forma cristalizada (ex. 29). O autor postula que a estrutura com fronteamto do verbo só será adquirida pela criança na escola, onde ela terá acesso ao francês formal.

(29) Comment vas-tu?
Como vai você?

Isto posto, gostaria de passar agora para os dados de interrogativas-Q coletados. O período considerado vai dos 2;04 a 3;10. As seções foram gravadas quinzenalmente até a idade de 3;01 e, a partir daí, mensalmente. Ao todo foram analisadas 26 seções de 30 minutos cada.

No período de 2;4.14 a 2;6.09 foram encontradas apenas as interrogativas com a expressão formular cadê (ex. 30). Esse tipo de construção é bastante freqüente no input da criança, fazendo parte, inclusive, do contexto de várias brincadeiras. Sua estrutura é muito simples, compondo-se somente do elemento cadê e do sintagma nominal que aparece em seguida – não contém verbo e a ordem é fixa. No entanto, nesse mesmo período, a criança – Gabriela (G) - demonstra compreender perguntas estruturalmente bem mais complexas - com os mais diversos tipos de elemento-Q - dirigidas a ela (ex. 31 e 32).

(30) (c)adê (pr)atinho? (2;4.14)

(31) MAE: quem que rabiscou esse livro aqui?
GAB: eu.
MAE: pode rabiscar livro?
GAB: não.
MAE: mamãe fica o quê?
GAB: b(r)iga # brava. (2;4.14)

(32) GAB: (l)avei mão.
MAE: lavou mão.
GAB: é.
MAE: que mais (vo)(vo)cê fez?
GAB: (l)avou a dota [:= boca].
MAE: lavou a boca.
MAE: penteou o cabelo?
GAB: não.
MAE: porque não penteou o cabelo?
GAB: não quero (pen)tear (ca)belo.
MAE: e porque tirou o sapato?
GAB: não quero (s)apato, mãe. (2;4.27)

Um exemplo muito interessante aparece na seção de 2;6.09 quando G parece querer chamar a atenção da mãe para o que a irmã está fazendo. A sentença (33) abaixo constrói-se da seguinte forma: Q- S V. Essa é uma das estruturas básicas das interrogativas-Q na fala do adulto, porém o elemento-Q usado é que não foi adequado. Ou seja, esse tipo de construção não é válido com cadê – sentenças desse tipo não são observadas no “input” da criança. O que esse exemplo parece sugerir é que a criança já adquiriu um padrão de interrogativa-Q, sendo que precisa, agora, “aprender” quais são os itens lexicais que podem preencher a posição do elemento-Q.

(33) GAB:(c)adê a Deba [:= Deborah] (es)(es)tá?
MAE: que que a Deborah (es)tá fazendo? (2;6.09)

Nas seções seguintes, porém, ocorrem várias interrogativas que parecem ter, em várias delas, a posição do elemento-Q preenchida por sons do tipo uh, ah, eh (ex. 34 e 35). Acho plausível considerar essas ocorrências como “filler sounds” (sons preenchedores) marcadores da posição do elemento-Q na sentença – notem que a mãe parece não ter problemas para interpretar a pergunta da criança, atribuindo a esses sons diferentes tipos de elemento-Q. Ou seja, minha hipótese é que a criança já domina um padrão de interrogativa, precisando, agora, somente adquirir o léxico necessário para preencher aquela posição.

- (34) GAB: ah tem (ca)becinha aqui?
MAE: tem um chapeuzinho, é? (2;6.25)
- (35) GAB: eh esse chama?
MAE: ah, eu não sei o nome desse ratinho. (2;8.16)

A seção de 2;8.16 é extremamente rica em interrogativas e é a primeira em que G começa a lexicalizar os elementos-Q, usando o qual, quem, como e porque.

- (36) GAB: mamãe, essa, **como** chama esse?
MAE: não sei.
MAE: eu sei que esse chama Tatá e esse chama Zezé.
GAB: Zezé?
MAE: é.
GAB: **porque** esse chama Zezé? (2;8.16)

- (37) GAB: **quem** é esse?

É a partir daqui que começam os dados que serão contrapostos com as explicações teóricas apresentadas na seção anterior. Primeiramente, considerarei a ordem Sujeito-Verbo que ocorre nas interrogativas-Q produzidas por G. A tabela 01 abaixo, mostra a distribuição das ordens S-V e V-S que ocorrem nas seções. Eu considereirei todas as interrogativas-Q com sujeito e verbo lexicalizados que apareceram no corpus, inclusive as produzidas pelos adultos (pai e mãe, normalmente) e por outra criança (irmã mais velha de G). Os resultados são os seguintes:

Sujeito	Sujeito-Verbo	Verbo-Sujeito	TOTAL
Adulto	292 – 70 %	124 – 30 %	416 – 77 %
Criança	37 – 71 %	15 – 29 %	52 – 9,7 %
Gabriela	41 – 57 %	31 – 43 %	72 – 13,3 %
TOTAL	370 – 68,5 %	170 – 31,5 %	540 – 100%

Tabela 01: Distribuição geral das estruturas interrogativas conforme a posição do verbo e do sujeito.

A ordem S-V é a preferida por todos os sujeitos, ocorrendo em 70% dos casos na fala do adulto e da outra criança. Esse resultado, portanto, confirma os obtidos nos estudos apresentados anteriormente. Já G, apesar de também privilegiar essa ordem, a usa em 57% dos casos. Ou seja, na sua fala, não se observa uma diferença significativa entre o uso do sujeito pré- e pós-verbal. Para tentar entender esse fato, apresentarei, a seguir, duas tabelas: uma mostrando a porcentagem de ordem S-V e V-S conforme o tipo de verbo, e outra considerando essa ordem em relação ao tipo de sujeito. Ambas as tabelas apenas consideram as sentenças produzidas por G.

Tipo de verbo	Sujeito-Verbo	Verbo-Sujeito	TOTAL
Cópula	5 – 20 %	20 – 80 %	25 – 35 %
Intransitivo	3 – 75 %	1 – 25 %	4 – 5,5 %
Transitivo	27 – 75 %	9 – 25 %	36 – 50 %
Transit. –referencial	6 – 86 %	1 – 14 %	7 – 9,5 %
TOTAL	41 – 57 %	31 – 43 %	72 – 100 %

Tabela 02: Porcentagem de ordem S-V e V-S conforme o tipo de verbo nas interrogativas da Gabriela.

Tipo de Sujeito	Sujeito-Verbo	Verbo-Sujeito	TOTAL
Sintagma Nominal	4 – 20 %	16 – 80 %	20 – 28 %
Pron. Demonstrativo	3 – 18 %	14 – 82 %	17 – 23,5 %
Pron. Pessoal	34 – 97 %	1 – 3 %	35 – 48,5 %
TOTAL	41 – 57 %	31 – 43 %	72 – 100 %

Tabela 03: Porcentagem de ordem S-V e V-S conforme o tipo de sujeito nas interrogativas da Gabriela.

Analisando as tabelas acima, podemos verificar que G se comporta conforme o padrão de ordem verificado nos estudos da fala do adulto. Ou seja, a inversão é altamente favorecida quando o verbo é uma cópula (80%) ou o sujeito um sintagma nominal (80%). Por outro lado, se o verbo é transitivo ou o sujeito é um pronome pessoal ou de tratamento, o oposto se verifica. Quando o verbo é intransitivo, os estudos anteriores postulavam que a ordem preferida era V-S que é o oposto do que é observado na fala de G. Porém, foram muito poucas sentenças (4, ao todo) para se poder chegar a qualquer conclusão no que se refere a esse tipo de verbo, inclusive porque pode ser que o fator influenciando esse resultado inesperado seja o tipo de sujeito usado com esse verbo – o exemplo (38) abaixo mostra uma interrogativa-Q que ocorre com verbo intransitivo e, no caso, o sujeito é um pronome pessoal que, como foi apontado anteriormente, é altamente favorecedor da ordem S-V.

(38) GAB: aonde (vo)cê vai? (2;11.27)

Outro ponto interessante é a alta porcentagem de ordem V-S observada quando o sujeito é um pronome demonstrativo. O que se esperaria é que este se comportasse da mesma forma que os outros pronomes, isto é, privilegiando a não inversão. No entanto, o oposto se verifica, pois em 82% dos casos ele aparece depois do verbo. Porém, se dermos uma olhada nos exemplos (39) e (40), vamos verificar que, na grande maioria das vezes, esse tipo de sujeito aparece com a cópula. Ou seja, esse fato leva-nos a crer que é esse fator – tipo de verbo – que está influenciando a ordem nessas interrogativas.

(39) GAB: quem é esse? (2;8.16)

(40) GAB: que é isso aí? (3;0.26)

Concluindo, temos que, no que se refere ao posicionamento do sujeito e do verbo nas interrogativas-Q, os dados de G mostram um comportamento bem coerente com o observado na fala do adulto. Por um lado, a cópula e os sujeitos lexicais (SN) privilegiando a inversão e, por outro, os verbos transitivos e os sujeitos pronominais a não inversão.

No que concerne ao uso do é que/que, a situação é bem interessante. A tabela 04 mostra a distribuição das estruturas interrogativas (exceto as com cadê) conforme a posição do elemento-Q. Mais uma vez, foram consideradas também as sentenças do “input” da criança, para se verificar a porcentagem de ocorrência do elemento-Q em cada uma das posições possíveis. É importante ressaltar que as sentenças com é que e com que foram consideradas conjuntamente.

Sujeito	Q- in situ	Q- deslocado		TOTAL
		Com “(é) que”	Sem “(é) que”	
Adulto	24 – 3,75 %	470 – 73,75 %	144 – 22,5 %	639 – 76 %
Criança	2 – 2,5 %	46 – 60,5 %	28 – 37 %	76 – 9 %
Gabriela	0	3 – 2,5 %	121 – 97,5 %	124 – 15 %
TOTAL	26 – 3 %	519 – 62 %	293 – 35 %	839 – 100 %

Tabela 04: Distribuição geral das estruturas interrogativas (exceto “cadê”) conforme o sujeito falante e a posição do elemento Q-.

Essa tabela traz uma série de resultados interessantes.

- Na quase totalidade das interrogativas produzidas por G, ela coloca o elemento-Q deslocado à esquerda (97,5%).
- A maioria dos enunciados dos adultos e da outra criança apresentam a expressão é que/que, respectivamente 73,75% e 60,5%. Já G produz pouquíssimas interrogativas usando essa partícula, apenas 3 sentenças o que equivale a 2,5% dos dados.
- O elemento-Q “in situ” ocorre muito pouco nos dados (3%), sendo que G não produz nenhuma sentença com o elemento-Q nessa posição;

É muito interessante o fato de que G praticamente só produz interrogativas com o elemento-Q deslocado à esquerda e sem a expressão é que/que. Acima já foram citados vários exemplos desse tipo de interrogativa, portanto, a seguir, pretendo dar uma olhada nas três sentenças que fogem a esse padrão.

- (41) a. essas aqui quem que é? (2;8.16)
 b. (de) quem que (é) aquela f(1)or? (2;10.11)
 c. que que (vo)cê (es)tá fazendo aqui, o(lha)? (3;0.10)

Esses dados mostram que G só usa a expressão que, no entanto, não é possível saber se a criança a considera equivalente a é que. A distinção semântica apontada por Mioto (1996) é impossível de se avaliar em dados de aquisição e, quanto à questão

fonológica por ele apontada – a cópula é um monossílabo tônico resistente ao apagamento-, é complicado, também, considerar-se esse ponto como um critério válido, pois é muito comum, na fala das crianças, esse apagamento (ver o exemplo 41b acima). Se olharmos as sentenças clivadas que ocorrem na fala da criança, verificamos tanto estruturas com que quanto clivadas que, aparentemente, são com foi que.

- (42) MAE: (vo)cê aprendeu com a sua irmã a fazer isso, foi?
GAB: eu **que** fez isso. (2;11.16)
- (43) MAE: quem fez a mamadeira p(a)ra você?
GAB: **foi** Ana **oh**⁷ fez meu &ma [/] meu mamá [:= mamadeira]. (2;11.16)
- (44) MAE: o que foi isso, Gabriela?
GAB: foi a [/] eh **foi** a mesinha **oh** fez esse dodói [:= machucado], o(lha). (2;11.16)

A quantidade de dados é muito pequena para se chegar a uma conclusão sobre o assunto, mas é possível observar-se algumas coisas. Os dois casos de clivadas com é que apresentam o verbo flexionado no passado – não é a forma já cristalizada é. Além disso, a cópula e o complementizador se encontram não adjacentes, com o elemento focalizado ocorrendo entre eles. Essa estrutura é perfeitamente comum na fala do adulto em declarativas (ex. 45), porém não é exatamente a ordem que ocorre nas interrogativas com é que, pois, nessas estruturas, o elemento-Q se encontra deslocado à esquerda – em adjunção a IP, segundo Lopes Rossi (1996) – com a cópula e o complementizador adjacentes.

- (45) a. **Foi** o João **que** comprou esse presente.
b. **Foi** o pneu **que** furou.

Por outro lado, se adotarmos a explicação de Mioto – o elemento que marcado [+wh] se encontra no núcleo de C^o, satisfazendo, em sintaxe, o Critério-Wh – a representação atribuída às sentenças (41) é bem mais simples, pois envolve a projeção de só um CP. Talvez isso explique também o uso do “filler sound” na clivada, pois este deve ocorrer no CP da sentença encaixada. Um ponto, no entanto, ainda precisa ser explicado: Qual a representação deve ser atribuída à sentença (42)?

Acho necessário, no entanto, que se analise uma quantidade maior de dados para que seja possível ter uma idéia mais clara do que pode estar acontecendo nesse tipo de interrogativa. Inclusive, um dos pontos a ser considerado é se, no corpus de outras crianças, também se verifica apenas a expressão que no início ou se ela se alterna com é que. Lopes Rossi (1994), analisando a aquisição das interrogativas-Q, coletou os seguintes exemplos no corpus de Raquel (R).

⁷ Parece-me perfeitamente plausível considerar esse oh como um “filler sound” que está marcando a posição do complementizador que, a exemplo do que foi observado com os elementos-Q numa fase anterior.

- (46) a. O que **que** é isso? (2;0.05)
b. Como **é que** chama? (2;2.20)
c. Onde **que** vai esses traveseiro? (2;4.11)
d. Que **que** é isso? (2;5.05)

A expressão é que aparece, pela primeira vez em interrogativas, dois meses depois do surgimento do que e, a partir daí, coocorre com o mesmo. A autora também observa o uso, nesse mesmo período, de clivadas tanto com que quanto com é que, sendo que essa última também só aparece dois meses depois da primeira. A quantidade de dados, no entanto, ainda é muito pequena para se chegar a qualquer conclusão sobre esse assunto – Wh- é que = Wh- que. É necessário, primeiro, observar esse fenômeno no corpus de outras crianças para, só então, podermos propor uma representação para essa estrutura, ou mesmo adotar uma das já existentes.

No que concerne às sentenças interrogativas com o elemento-Q “in situ”, é interessante observar que, ainda que a sua produtividade seja baixa na fala do adulto (2,8% das interrogativas), ela é **inexistente** na fala de G. Lopes Rossi (1994) observa o mesmo no corpus de R que também não produz nenhuma interrogativa com o elemento-Q “in situ”. Esse fato, a meu ver, é muito revelador, pois parece ser uma evidência contrária à proposta de Lopes Rossi (1996), segundo a qual o PB atual marca negativamente o parâmetro [Movimento-Wh], isto é, o elemento-Q “in situ” e o deslocado são igualmente possíveis. Se assumimos que é a criança que implementa a mudança ao marcar um parâmetro de forma diferente, é de se esperar que esta produza ambas as estruturas compatíveis com a marcação paramétrica por ela feita. Não é isso, no entanto, o que observamos nos dados de aquisição verificados (G e R). As duas crianças não produzem interrogativas com o elemento-Q “in situ”, portanto, essa posição parece não ser compatível com sua gramática nessa fase. Parece-me plausível supor que esse tipo de estrutura ainda faz parte da periferia marcada na fala do adulto e que, portanto, só será adquirida mais tarde pela criança. Essa hipótese ganha em plausibilidade se considerarmos que a irmã de G, 4 anos mais velha, só produz 2 sentenças com o elemento-Q “in situ”, sendo que uma delas é a seguinte:

- (47) DEB: mãe # aquilo (es)tá funcionando?
MAE: gravando.
DEB: fala de **quem**?

Acredito que esse tipo de sentença – com o elemento-Q “in situ” – precisa ser melhor compreendido. Isto é, é necessário verificar se existe algum condicionamento – tipo de elemento-Q (quem, que, por exemplo), natureza desse elemento (adjunto, argumento), entre outros - que esteja influenciando a não subida do elemento-Q para a periferia esquerda da sentença. Além disso, também acho necessário verificar se no corpus de outras crianças esse mesmo comportamento é observado. Se tal ausência persistir, parece-me, portanto, correto afirmar que, mesmo sendo possível usar-se o elemento-Q “in situ” no PB atual, tal fato não implica, ainda, numa mudança

paramétrica ocorrida na língua. Além disso, existe também a possibilidade de que a explicação dada por Lopes Rossi (1996) para o aparecimento do elemento-Q “in situ” não seja a mais adequada. Ou seja, pode ser que a possibilidade de se usar o elemento-Q nessa posição, no PB atual, não se deva a uma mudança paramétrica que tenha ocorrido na língua. Esse tópico, portanto, precisa de um aprofundamento maior com a análise de dados de outras crianças.

3. CONCLUSÃO

Os dados analisados nesse trabalho mostram que nem todas as mudanças gramaticais relacionadas às interrogativas-Q que foram observadas por vários pesquisadores nos últimos anos se implementaram completamente no sistema. No que se refere à mudança de V-S para S-V, temos que esta parece já ter-se completado, pois o padrão observado na fala de G é compatível com o encontrado no seu “input”. Quadro bem diferente é o obtido com os outros fenômenos analisados. As sentenças com é que/que são muito poucas – apenas 3 – o que nos impossibilita tecer qualquer conclusão acerca delas. Já a completa ausência de sentenças com o elemento-Q “in situ” parece indicar que a mudança paramétrica proposta por Lopes Rossi (1996) ainda não aconteceu no PB. Entretanto, a análise de uma maior quantidade de dados de aquisição se faz necessária para que se possa ter um quadro mais completo do que está acontecendo nesse tipo de estrutura interrogativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CRISMA, P. (1992) “On the acquisition of wh- questions in French”. In *GenGenP*, volume 0, nr. 1-2.
- DUARTE, M.E.L. (1992) “A perda da ordem VS em Interrogativas Qu- no português do Brasil”. In D.E.L.T.A., vol. 8, nº especial.
- _____. (1993) “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora da Unicamp, Campinas, SP.
- _____. (1995) *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Unicamp.
- HULK, A. (1996) “The delay of inversion questions in the acquisition of french” in C. Parodic, C. Quicoli, M. Santarelli & M.L. Zubizarreta (eds.) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown Univ. Press.
- KATO, M.A. (1993) “Word Order Change: the case of Brazilian Portuguese Wh- Questions”. Mimeo.
- LOPES ROSSI, M.A.G. (1993) “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil”. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Viagem Diacrônica pelas fases do Português Brasileiro*, Editora da Unicamp, Campinas, SP.
- _____. (1994) “Aquisição de interrogativas no português do Brasil – Estudo de caso”. Mimeo.

- _____. (1996) *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado, Unicamp.
- MIOTO, C. & FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1995) “Wh que = Wh é que?”. In D.E.L.T.A., vol. 11, nº 2.
- _____. (1996) “Wh é que = Wh que”. In *Anais ...*
- _____. (1994) “As interrogativas no português brasileiro e o Critério Wh”. In *Letras de Hoje*, vol. 29, nº 2.
- RIZZI, L. (1990) “Residual verb second and the Wh-Criterion”. In *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*, vol. 2.
- ROBERTS, I. (1993). *Verbs and Diachronic Syntax*. Kluwer Academic Publishers.
- SIKANSI, N.S. (1994) *A Estrutura das Sentenças com Pronome Interrogativo no Português Brasileiro Atual*. Dissertação de Mestrado, Unicamp.